

PARADIGMA FRONTEIRA. DE AFANISE AO ATAQUE DE PÂNICO

Autor: Yago Franco
Ano: 2017 -160 páginas
Lugar editorial
Cidade autónoma de Buenos Aires

Mara Ferreiro¹

¹ Mara Ferreiro. Licenciada em Psicologia. Universidade Nacional de La Plata (UNLP). Pós-graduação "Formação em clínica psicanalítica da infância e adolescência" ASAPPPIA. Assistente da escola de pós-graduação de ASAPPPIA na matéria "Teoria da prática clínica I".

Parte I: A clínica, hoje

O autor neste livro apresenta a ideia do dano que provoca na subjetividade humana o imediatismo e a significação do capitalismo. Indaga sobre a destruição da linguagem, já que esta implica um desanudamento das representações e do afeto. Por isso se pergunta se isto provoca a destruição do afeto: o sentido que o mesmo adquire ao estar unido a representações palavra. Todo afeto necessita de uma representação para dizer-se, e toda representação para fazer parte de um mundo simbólico, deve ser acompanhada do afeto que produz sua inscrição (Franco, 2017). Afirma:

"A significação do capitalismo como a significação do ilimitado: o ilimitado de produção, do consumo, da vida y e que, como tal, implica uma negação da morte. Este profundo sentido cumpre neste histórico social um papel fundamental, produz uma orientação generalizada da vida social e também da vida psíquica dos sujeitos. Mas é ao mesmo tempo – paradoxalmente - um sentido desestabilizador do sentido socialmente instituído: produz sem sentido."(Franco, 2017, p. 22)

O autor desenvolve o encontro entre o corpo, a psique e a mãe tomando como referência O que propõe Ulloa (1999), o afeto é criado no encontro com a ternura materna que implanta violência primária. Brinda um significado ao desdobramento pulsional-afetivo mas também podem apresentar-se fracassos ou acidentes neste encontro inaugural, ou também podem ser produzidos na cultura já que lançam o sujeito à impossibilidade ou dificuldade em figurar representantes representacionais e afetivos da pulsão.

Yago Franco analisa os efeitos que produz na psique o modo atual da temporalidade, caracterizado por sua aceleração contínua transmitida através dos ditames de outro que empurra a um gozo no consumo como promessa do ilimitado e a crise na possibilidade de criar figuras tanto ao nível da psique como da sociedade.

Parte II: o atual e a clínica

O autor assinala que o histórico-social incide na formação de um tipo de subjetividade e também nas formas do padecimento.

“A sociedade, assim como oferece modelos identificatórios para formatar a psique de seus integrantes e obter o tipo de subjetividade que necessita para sua reprodução, incide também nos destinos do mundo pulsional. Ele oferece vários objetos e atividades para satisfazê-lo”. (Franco, 2017, p. 50)

Se a clínica de Freud tinha como desafio os destinos de Eros reprimido, hoje o que se trata é dos destinos de Thánatos liberado que se traduz em dificuldade ou impossibilidade de produzir figurabilidade psíquica. Ou seja, o não ligado, que tende à descarga e não encontra possibilidade de simbolizar-se.

É interessante e estimulante para o leitor ter acesso a ferramentas teóricas e práticas para abordar algumas manifestações decorrentes da atualidade, ou seja, o *bordeline*, estados de esgotamento, de hiperkinésia, insônia, vários transtornos psicossomáticos associados ao estresse, anorexias, vícios, passagens para o ato, descatectizações ou hipercatectizações do mundo, depressões muitas vezes inespecíficas, afânisis, ataques de pânico, e também a dificuldade em estabelecer um projeto identificatório.

O autor toma de André Green (1993) o que coloca acerca dos casos chamados *bordeline*: há algo que não se constituiu, uma falha no encontro com o objeto originário (invasivo ou abandonante), sua ausência não foi simbolizada. E isso que não esteve vai fazer sua presença na análise em relação ao analista, da mão de angústias de invasão ou desamparo, não de castração. Portanto, para o autor torna-se fundamental elucidar as possibilidades de criação dentro do tratamento analítico daquilo que não teve lugar, devendo tê-lo tido.

Coloca a importância da criação na cura, toma o conceito de imaginação radical, introduzindo a ideia de que além de repetição, lembrança e elaboração, há também criação. Uma clínica mais fundamentada em Eros, na criação, no novo, embora não desconheça a presença da pulsão de morte. O autor propõe criar um dispositivo onde se possa dar expressão ao que carece de representantes e que ajude os sujeitos a encontrar condições para que ocorra a figurabilidade psíquica.

Sustenta que a mudança na cultura, facilitou uma maior presença da pulsão de morte, existe um empobrecimento afetivo e representacional que aparecem em atos, manifestações no corpo (como cansaço, fadiga, vertigem, dores vagas no corpo, o hipocondríaco, patologias psicossomáticas) e também na perda da dimensão da história, e da historicização. Propõe-se uma clínica na qual o eu está danificado, não pode processar, elaborar, simbolizar nem os estímulos, nem a pulsão, não consegue tecer uma rede de significação. Nos antípodas de Thánatos está Eros, que institui a diferença, o novo, portanto espera que ocorra

em qualquer análise, o surgimento de novas significações. Quando se fala de resignificação, trata-se sempre dos mesmos elementos. Mas se além disso há uma nova significação se produz uma suplementação, ou seja, há um novo elemento, além disso se produz uma resignificação (Franco, 2017).

Parte III: figuras clínicas da pulsão de morte

Imergir-se nesta parte do livro volta ao leitor de um grande enriquecimento teórico na hora de pensar à pulsão de morte como a antipulsão, como o autor propõe. “A de morte é a antipulsão. Não pulsa. É um antiimpulso. É o negativo de Eros”. (Franco, 2017, p. 94) Afirma que se a denomina de morte porque com a morte a antipulsão conseguiria sua tarefa, coincidindo com o princípio do prazer consegue voltar à absoluta tranqüilidade. A pulsão de morte também é a morte: o retorno a zero, a esse estado de tranqüilidade psíquica anterior ao displacer, a busca da paz do nirvana.

A figurabilidade psíquica é o mecanismo básico da psique, isso que transforma a pulsão em afetos e Representações, a pulsão de morte não se figura. Se a conhecemos é por sua mistura com Eros. A análise justamente deve poder ligar a pulsão de morte a representações, A desejos, a uma historicização simbolizante, na qual Iago Franco propõe que as construções costumam desempenhar um papel preponderante. A palavra deve bordar a pulsão de morte, constituindo-se numa espécie de barreira de contenção que vá ao mesmo tempo desenhando um contorno, uma fronteira para poder identificá-la, e também produzir uma rede de significações que lhe permitam voltar a ligar-se.

Sobre a afanise

O autor em uma seção do livro trabalha sobre a afanise, refere-se à perda de desejo, não por depressão ou repressão, mas por ter alterado ou perdido o registro do desejo. Se há uma afanise, trata-se do vazio desejante e imaginante, por ter ficado preso às demandas exaustivas do Outro. A afanise (como função) é um refúgio diante do outro. Aparecem manifestações de tédio, tédio, indiferença, desinvestimento de projetos, atordoamento, fadiga, desinvestimento de laços e o denominado stress é o que nos mostra a presença da afanise na clínica.

Para além do narcisismo

Yago Franco realiza um percurso teórico rigoroso sobre o que caracteriza esta época em relação à presença do autoerótico como modo de satisfação pulsional, que ignora a presença do outro como tal. Este modo de ser do psiquismo humano observa-se em fenômenos como a xenofobia, o femicídio, a escravidão laboral, o tráfico, o abuso sexual infantil. Há também outros atos autoeróticos que não têm efeitos diretos nos outros, mas implicam uma auto-satisfação que afasta o sujeito do mundo social. O autoerotismo estaria na base de modos de satisfação pulsional que estão além do narcisismo.

Enquanto que a lógica que habita o autoerótico é uma lógica de um só termo. É o império do Um. E onde há Um não há lugar para o outro. O autoerótico tem em um extremo ao retraimento e a auto-satisfação e no outro extremo o objeto como algo indiferenciado, que também pode ser descartado, objeto da pulsão de morte. O borderline fica então, ligado à expressão do autoerotismo, convocado pela promessa de prazer e felicidade ligadas ao ilimitado, ao prazer sem limites.

Ataques de pânico: o atual e a atualidade

O borderline tem a ver com a produção de falhas nas fronteiras psíquicas que fazem à sua estruturação, fronteiras ou bordas dentro da tópica e desta com a realidade; e no caso dos ataques de pânico, o desvanecimento momentâneo das mesmas (Franco, 2017).

Ele afirma que é um quadro que geralmente é acompanhado pela sensação de morte iminente: o que é compreensível como morte do eu. É por essa razão que o eu deve ser considerado a sede do pânico. Considera-o como um acidente simbólico do sujeito, é uma interrupção desse tecido representacional que faz ao sentido, quem cai em um sem sentido. Tudo é por causa da irrupção pulsional não ligável.

No final do livro, o autor argumenta que o mal-estar adicionado por nossa sociedade é baseado em uma exigência de prazer sem limites e uma ameaça ou realização de exclusão. O traumático como experiência de sem sentido acompanhado de uma hiperestimulação digital e de uma aceleração temporal que impede a ligadura. Acompanhada da crise das significações, expressas através de instituições, esta crise é o que o autor extrai desde Castoriadis (1997) como o avanço da insignificância.

“Não se façam hoje, ainda, movimentos generalizados que vão no sentido da destituição da significação do ilimitado (...) que permita aos sujeitos não padecerem desse mal-estar agregado/excedente e que ponha, ao mesmo tempo, um limite à criação dessa outra fonte de mal-estar (...) é bom lembrar que nada fazia pensar no início do século XX que a exigência desmesurada de renúncia pulsional denunciada por Freud (1973) - uma das significações centrais do capitalismo de então - seria destituída” (Franco, 2017, p. 149)

Comentários pessoais: esta obra escrita por Yago Franco nos convida a adentrar na subjetividade contemporânea, abordada a partir do entrecruzamento do psiquismo, da sociedade e da clínica. Mergulhar em suas páginas para estar à altura do que está presente na clínica. Suas contribuições são de uma importância inquestionável já que as formas clínicas hoje não obedecem tanto à presença da repressão, como a sociedade e cultura em que Freud se encontrou, mas como o autor ilustra ao longo de sua obra remetem a uma falha na figurabilidade psíquica coincidente com a ordem sociocultural vigente. Este livro torna-se mais uma ferramenta fundamental que nos acompanha a transitar as águas agitadas da pulsão desconectada, complexificando a tarefa do analista e obrigando-o a revisar seu lugar e sua função.